



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14965 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - XVII Reunião Regional da ANPEd Centro-oeste (2024)
 ISSN: 2595-7945
 GE Educação e Povos Indígenas

EDUCAÇÃO DA MULHER INDÍGENA: RUPTURAS E CONTINUIDADES
 Poliana da Cruz Silva - UFMT/Campus de Cuiabá - Universidade Federal de Mato Grosso
 Beleni Saléte Grandó - UFMT/Campus de Cuiabá - Universidade Federal de Mato Grosso
 Agência e/ou Instituição Financiadora: Bolsista Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

EDUCAÇÃO DA MULHER INDÍGENA: RUPTURAS E CONTINUIDADES

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa tematiza o racismo e as lutas da mulher indígena na conquista dos espaços de visibilidade entre rupturas e continuidades dos processos de padronização dos corpos cujo fenótipo não é eurocêntrico. Temos como objetivo, compreender a história do movimento de luta e resistência da mulher indígena por meio da educação escolar visando ocupar espaços socialmente reconhecidos no país, em especial, em Mato Grosso.

Para tal, buscamos estudar a trajetória de luta permeada pela educação escolar de mulheres do Povo Kurâ-Bakairi, em Mato Grosso, tendo por pressuposto, que uma das protagonistas deste movimento, é a primeira indígena a conquistar o título de mestre em educação no Brasil. Sua trajetória, possibilita reconhecer as contrariedades, no campo das lutas sociais e educação escolar, traçando um paralelo da contemporaneidade e interseccionalidade. Como pesquisa qualitativa, visamos trabalhar “[...] com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes [...]” (MINAYO, 2001, p. 21-22).

O estudo de caso, escolhido para a pesquisa, se inscreve como registro etnográfico nos cenários de ocupação da protagonista, na coleta de documentos imagéticos, digitais e impressos dos processos formativos, como discente e docente, entrevistas não dirigidas com ela e sua família Kurâ-Bakairi na aldeia de origem, Terra Indígena Bakairi, intermediaram a pesquisa, observando os referenciais da decolonialidade e interculturalidade crítica.

2. DESENVOLVIMENTO

Os referenciais em debate analisam uma mulher indígena superando o racismo e machismo da sociedade brasileira, ao ocupar espaços de empoderamento feminino em meio a colonialidade do poder, saber e do ser, em tempos tão complexos da modernidade. Para início da caminhada investigativa buscamos as produções acadêmicas que entrelaçam a educação escolar indígena e o protagonismo de uma mulher indígena de Mato Grosso.

A partir dessas produções, encontramos a produção da primeira mestre em educação do país, egressa da Universidade Federal de Mato Grosso, que, ao mesmo tempo, assumia papéis relevantes na comissão de organização do Acampamento Terra Livre realizado em Cuiabá-MT, participante ativa do grupo de pesquisa e projetos que atendem a política nacional para os povos indígenas: Ação Saberes Indígenas na Escola – Rede UFMT, que tem 24 livros didáticos publicados e distribuídos para mais de dez, dos 43 povos residentes no estado.

Fragments de sua trajetória, trazemos de um documento que marca nossa pesquisa e delimitação, a mulher Kurâ-Bakairi, pois evidencia-se as contradições da atualidade, que há, visibilidade nacional da mulher na política, ao mesmo tempo um sistema educacional, marcado pela colonialidade e exclusão, que inclusive, se instala na pós-graduação. A protagonista aponta pistas desta luta, que ainda é um desafio de muitas mulheres indígenas e de comunidades tradicionais, inclusive para se chegar ao título de mestre em educação:

Aos 17 anos saí para um colégio religioso, onde estudei em regime de internato. A Funai, em 1978, abriu pela primeira vez bolsas de estudos para as meninas. Desde menina sempre fui dócil, ágil, inteligente. Percebi com facilidade as coisas à minha volta. Por essas características, pessoas de fora acreditaram em mim e apostaram que "eu tinha futuro". Fui selecionada conforme os critérios de funcionários da Funai. (Taukane, 1999, p. 19).

Instiga-nos a desvelar as lutas para se chegar no espaço acadêmico que ainda é um grande gargalo para as meninas-mulheres do país. A autora deixa nas pegadas decoloniais as contradições que desafia os acessos das mulheres neste processo formativo de visibilidade social e política, e aponta suas continuidades, desdobramentos e tensionamentos:

Meu grande desejo é contribuir para o debate da questão da educação escolar indígena, de uma maneira mais ampla e particular. Parto da premissa de que podemos e devemos contar e recontar a nossa história, na nossa concepção. Precisamos

desafiar nossos horizontes e dilemas, que precisam ser respeitados na construção dos nossos projetos. (Taukane, 1999, p. 30).

Com isso, a relevância da pesquisa a partir das narrativas desta protagonista indígena, é discutir os processos decoloniais e potencialidades da educação escolar indígena na construção da interculturalidade crítica, como propõe Walsh (2009):

[...] ‘proponho a interculturalidade crítica como ferramenta pedagógica que questiona continuamente a racialização, subalternização, inferiorização e seus padrões de poder, visibiliza maneiras diferentes de ser, viver e saber e busca o desenvolvimento e criação de compreensões e condições que não só articulam e fazem dialogar as diferenças num marco de legitimidade, dignidade, igualdade, equidade e respeito, mas que – ao mesmo tempo – alentam a criação de modos “outros” – de pensar, ser, estar, aprender, ensinar, sonhar e viver que cruzam fronteiras’ [...]. (Walsh, 2009, p. 25).

A pesquisa visa, portanto, contribuir com potencialidades do movimento indígena para superar o eurocentrismo na escola dos povos originários com a valorização de suas histórias e trajetórias, das suas línguas e rituais, de suas culturas ancestrais e contemporâneas que evidenciam o movimento decolonial empreendido pelas mulheres do Povo Kurâ-Bakairi, em Mato Grosso.

Palavras-Chave: mulheres; indígenas; racismo; interculturalidade; rupturas.

REFERÊNCIAS

TAUKANE, D. **A História da Educação escolar entre os Kurâ-Bakairi**. Ed. da Autora. Cuiabá: 1999.

WALSH, C. *Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver*. In: CANDAU, V. (org.) **Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas**. Rio de Janeiro. 7 Letras. 2009, p.12-42.

MINAYO, M. C. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.